

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2012

VOLUME I

A CRITICIDADE EM FOCO: O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA PRODUÇÃO DE CRÔNICAS SOCIAIS.

Maria Benedita dos Santos¹

RESUMO: o presente artigo tem como finalidade apresentar o desenvolvimento, aplicação e o resultado de um projeto de intervenção pedagógica implementado em uma turma de 1.^a série do período noturno do Colégio Estadual Carlos Gomes Ensino Médio, da cidade de Tomazina - Paraná. O projeto teve como objetivo discutir o desenvolvimento da leitura e produção de textos por meio do gênero textual Crônica Jornalística, a partir da construção de uma sequência didática, cujos princípios seguiram a base teórica-metodológica de Dolz & Schneuwly (2004). Embora com muitas dificuldades, obtivemos um bom resultado no processo de ensino e aprendizagem da crônica. E ficou claro que trabalhar gêneros textuais dentro da concepção de elaboração de sequência didática é muito importante e válido para o bom andamento do trabalho do professor, bem como o desenvolvimento dos alunos. Seguindo esta linha de trabalho podemos afirmar que há um melhor aproveitamento nas práticas didáticas em sala de aula, já que o aluno trabalha com situações reais, as produções deixam de ser mecânica e passam a fazer parte da realidade vivida por eles.

Palavras chave: Gêneros Textuais. Crônica Jornalística. Leitura. Produção textual.

¹ Professora da rede pública do estado do Paraná, professora PDE turma 2012-2013

Introdução

Muito se tem discutido e se tentado fazer para despertar em nossos jovens o gosto pela leitura e pela produção de textos. No entanto, o problema ainda não foi sanado, e as discussões a esse respeito crescem cada vez mais. O que fazer? A partir dessas assertivas e questionamento entendemos que é importante levar à sala de aula textos que despertem o interesse dos jovens pelo ato de ler e de escrever e de apreciar vários gêneros textuais que aparecem não só nos livros didáticos, mas também em muitos outros suportes, como o que foi trabalhado pelo Projeto de mesmo nome deste artigo: A criticidade em foco: o desenvolvimento da leitura e da produção de crônicas sociais, o gênero crônica jornalística, no jornal e na revista, como suportes. Esse trabalho foi implementado em uma turma de alunos(as) da 1.^a série do período noturno do Colégio Estadual Carlos Gomes – Ensino Médio, situado na cidade de Tomazina - Paraná.

De forma mais específica, o referido projeto teve como princípio, em primeiro lugar, intensificar o estudo da crônica social ou jornalística, as particularidades desse gênero textual, uma vez que esse gênero é constituído pela apresentação da opinião do cronista, aquele que a produz, a partir de experiências vivenciadas por ele, assim informando e entretendo aqueles que a leem. Depreendeu-se daí a importância da inserção desse gênero textual na vida escolar também porque é um gênero permeado pela língua padrão, mas que valoriza o vocabulário informal, trabalhando as variedades linguísticas, ressaltando a estética do léxico e promovendo assim, a aceitação e o gosto pela leitura.

O projeto teve também o intuito de promover o desenvolvimento da leitura e da produção textual do gênero textual Crônica Jornalística, pretendendo desenvolver e aprimorar o letramento visando à formação da pessoa crítica e emancipada, preparada permanentemente, para atuar na transformação e melhoria de si, do local onde vive e de todo o seu entorno.

Na efetiva implementação do projeto, os alunos produziram crônicas expondo suas ideias de forma clara e concisa, empregando a língua de forma adequada, além de alcançarem um aprofundamento, por meio da leitura de

Crônicas Jornalísticas, da capacidade de pensamento crítico e de sensibilidade estética.

Este artigo, portanto, tem o objetivo de discorrer sobre a trajetória percorrida, abordando experiências adquiridas desde a sua construção até o resultado da implementação.

Fundamentação teórica

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação do Paraná (PARANÁ, 2008),

É tarefa da escola possibilitar que seus alunos participem de diferentes práticas sociais que utilizem a leitura, a escrita e a oralidade, com a finalidade de inseri-los nas diversas esferas de interação. Se a escola desconsiderar esse papel, o sujeito ficará à margem de novos letramentos, não conseguindo se constituir no âmbito de uma sociedade letrada (p.48).

Para que a instituição obtenha êxito nesse trabalho urge que o professor mantenha seus alunos em contato permanente com os gêneros textuais a fim de elevar o nível da leitura e da escrita além de levá-los a ampliar a visão e a compreensão de mundo e suas relações com ele.

O documento entende, ainda, práticas sociais como toda “atividade humana realizada com e na linguagem” (PARANÁ, 2008, p. 48), e por isso podemos compreender que em toda interação humana acontecem práticas sociais de linguagem, como por exemplo, o diálogo familiar, o ato de fazer chamada em sala de aula, o de colocar a sociedade a par de acontecimentos importantes e/ou de interesse de uma comunidade, e inúmeros outros (STRIQUER, 2012, p. 4). Cada uma dessas práticas se origina de esferas sociais específicas. E, outros exemplos podem ser conferidos em Striquer (2012),

[...] no campo familiar, a prática social dos pais orientarem os filhos sobre preceitos éticos e morais é bastante presente, orientação que se materializa por meio do diálogo oral, um gênero discursivo/textuais; na prática social de prover a família de alimentos e higiene, a mãe prepara uma lista (outro gênero) de materiais faltantes na despensa para compra no supermercado. No campo escolar, a prática social de checar se os alunos estão presentes em sala de aula é realizada por meio do livro de chamada (mais um novo gênero), onde o professor anota presença para os alunos após se certificar que eles estão em sala. No campo jornalístico, na prática de por a sociedade a par dos acontecimentos que de alguma forma influenciam ou são importantes, o jornal impresso divulga notícias e reportagens; na prática de discutir problemas sociais controversos ou polêmicos divulgam artigos de opinião, charges (p. 4).

Entende-se assim, que as práticas sociais geram inúmeros gêneros textuais, e por isso as Diretrizes Curriculares Estadual de Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008) orientam que o conteúdo estruturante dessa área/disciplina é o

discurso como prática social, e por consequência “o trabalho com a disciplina considerará os gêneros discursivos que circulam socialmente, com especial atenção àqueles de maior exigência na sua elaboração formal” (PARANÁ, 2008, p.63).

O objetivo maior é que os gêneros sejam ensinados a fim de que os alunos se tornem cidadãos críticos, capazes de inserir-se socialmente e estejam preparados para exercerem plenamente suas cidadanias.

De acordo com Marcuschi (2005)

[...] gêneros textuais estão vinculados a vida cultural e social ordenando e estabilizando as atividades comunicativas do dia-a-dia, sendo estas entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa (p.19).

Conclui-se então que é impossível se comunicar verbalmente a não ser através de um gênero, e que diferentemente do que a metodologia tradicional propõe, o estudo com os gêneros requer uma nova concepção de linguagem, uma nova prática teórico-metodológica na formação e na ação do professor, que deve se abrir para essa nova tendência que melhor atende à compreensão do funcionamento da linguagem, assim essa nova vertente dos estudos da linguagem não pode ser vista apenas como um modismo, ou uma mudança de terminologia.

É importante considerar ainda que com a ampliação da escrita surgiram novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto oral quanto escrita, embora os gêneros textuais estejam integrados às culturas que se desenvolvem.

Além da escrita o que também impulsionou os gêneros textuais emergentes foram as novas tecnologias ligadas à comunicação, como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, etc., embora estes não sejam inovações absolutas, pois estão ancorados em gêneros já existentes. Inclusive Bakhtin (1997) fala na “transmutação” dos gêneros e na assimilação de um gênero por outros gerando novos. (MARCUSCHI, 2005, p.20)

Segundo Bakhtin, os gêneros do discurso apresentam três dimensões “que se fundem indissolúvelmente no todo do enunciado: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional” (MARCUSCHI, 2005, p.20). Neste sentido, expõe a Diretriz (2008),

[...] cada gênero discursivo tem suas peculiaridades: a composição, a estrutura e o estilo variam conforme se produza um poema, um bilhete, uma receita, um texto de opinião ou científico. Essas e outras composições precisam circular na sala de aula em ações de uso, e não a partir de conceitos e definições de diferentes modelos de textos. O aperfeiçoamento da escrita se faz a partir da produção de diferentes gêneros, por meio das experiências sociais, tanto singular quanto coletivamente vividas. O que se sugere, sobretudo, é a noção de uma escrita como formadora de subjetividades, podendo ter um papel de resistência aos valores prescritos socialmente. A possibilidade da criação, no exercício desta prática, permite ao educando ampliar o próprio conceito de gênero discursivo (p. 56).

Depreende-se daí, a necessidade do trabalho com as crônicas jornalísticas, pois o contato com esse gênero requer um aprofundamento tanto na maneira de desenvolver e incentivar o hábito do ato de leitura quanto o desenvolvimento textual, é preciso, então, incutir nos alunos que a produção textual escolar prima pelas normas que regem a língua, porém respeita as variedades linguísticas, mas no caso das crônicas há que se ter mais cuidado, pois não é porque se trata de um gênero criado a partir de fatos que acontecem no cotidiano que vai permitir uma produção textual recheada de palavras vulgares e supérfluas.

Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita (MARCUSCHI, p. 19, 2005).

Devido à proliferação de recentes gêneros disseminados por conta das novas mídias e tecnologias comunicativas que invadiram o universo social, principalmente o texto pertinente às comunicações via MSN, Orkut e mensagens enviadas através do celular, as quais afetam sobremaneira a qualidade da produção textual dos alunos, urge que o trabalho desenvolvido na escola mantenha-se focalizado na escrita que favoreça o aperfeiçoamento da língua materna.

Os gêneros sempre são representantes de práticas sociais, já que seu conteúdo temático, seu estilo e sua composição formal, bem como sua situação comunicativa e condições de produção são inseparáveis.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Língua Portuguesa (2008, p. 63) nos aponta, segundo Brandão, que todos os agentes são:

[...] seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e por isso carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte. Essas crenças, ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. É por isso que dizemos que não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem. Às vezes, esses sentidos são produzidos de forma explícita, mas na maioria das vezes não. [...] Fica por conta do interlocutor o trabalho de construir, buscar os sentidos implícitos, subentendidos (BRANDÃO, 2005, p. 2-3).

O aluno precisa compreender como é o funcionamento de um texto escrito, cabe portando ao professor orientá-lo de que os textos se constroem a partir de elementos como organização, unidade temática, coerência, coesão, intenções, interlocutor (es), dentre outros.

Tudo isso e a partir daí deve-se apresentar ao educando que “[...] a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representada” (MARCUSCHI, 2005, p. 17). Só assim o estudante terá embasamento para criar o seu texto com tranquilidade, amparado em suas experiências de vida sabendo que parece um diálogo entre escritor e leitor.

É função do professor é planejar e desenvolver atividades que possibilitem aos alunos a reflexão sobre o seu próprio texto. Então ele precisa elaborar atividades de revisão, de reestruturação, de análise coletiva de um texto selecionado e sobre outros textos, pertencentes aos diversos gêneros textuais que circulam no contexto escolar e extraescolar.

O gênero crônica

Segundo Costa (2008), crônica é definida da seguinte forma.

Originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres, pois tratava-se da compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo, como o dia-a-dia da corte, as histórias dos reis, seus atos, etc. Mais tarde, entretanto, grandes escritores, a partir do século XIX, passam a cultivá-la, refletindo, com argúcia e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano, etc. do seu tempo em livros, jornais e folhetins.

Contemporaneamente, no jornalismo, em coluna de periódicos, assinada, pode vir em forma de notícias, comentários, algumas vezes críticos e polêmicos, abordando temas ligados a atividades culturais (literatura, teatro, cinema, etc.), políticas, econômicas, de divulgação, científica, desportivas, etc. Atualmente também abrange o noticiário social e mundano. Conforme a esfera social que retrata, recebe o nome de crônica literária, policial, esportiva, política, jornalística, etc. (COSTA, 2008, p.70).

De acordo com Costa (2008, p.70 e 71) não se deve esquecer que a crônica se difere na questão de estilo dos demais gêneros. A crônica quase sempre é um texto curto, breve, simples, interagindo diretamente com o leitor, como numa conversa informal. As crônicas podem ser narrativas, argumentativas, ou até expositivas, apresentando textos de opinião sobre diversos assuntos de todas as áreas.

A crônica jornalística apresenta também semelhanças entre a crônica literária e o texto exclusivamente informativo. Assim como o repórter, o cronista se inspira nos acontecimentos cotidianos, que constituem a base de sua crônica. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro, pois após cercar-se dos acontecimentos diários, o cronista imprime um toque próprio, como ficção, fantasia e críticas, elementos que o texto essencialmente informativo não contém. Sendo assim a crônica situa-se entre o Jornalismo e a Literatura, e o cronista pode ser considerado o poeta dos acontecimentos diários.

Na maioria dos casos, a crônica é um texto curto e narrado em primeira pessoa, ou seja, o próprio escritor está "dialogando" com o leitor. Isso faz com que ele apresente uma visão totalmente pessoal de um determinado assunto. Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a sua visão de mundo. Ele está, na verdade, expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

Geralmente, as crônicas apresentam linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a literária. Isso contribui também para que o leitor se identifique com o cronista, que acaba se tornando o porta-voz daquele que lê.

Por tratar quase sempre de assuntos do dia a dia, com tramas sem atritos que levem a assuntos complexos, tendo personagens de pouca profundidade psicológica, torna-se assim um gênero de fácil entendimento, e conseqüentemente se aproxima com maior facilidade do leitor.

Nesse sentido, não se lê da mesma forma uma crônica que está divulgada no suporte de um jornal e uma crônica publicada em um livro, tendo em vista a finalidade de cada uma delas. Na crônica do jornal, é importante considerar a data de publicação, a fonte, os acontecimentos dessa data, o diálogo entre a crônica e outras notícias veiculadas nesse suporte. Já a leitura da crônica do livro representa um fato cotidiano independente dos interesses deste ou daquele jornal (PARANÁ, 2008, p.72).

Não é raro a crônica jornalística apresentar-se como texto argumentativo, expondo conflitos, ou até mesmo como textos de opinião sobre temas polêmicos presentes no cotidiano do cronista e da sociedade. Vale ainda lembrar que ela sempre é veiculada na imprensa (revista, jornal), e inclusive sua escrita é feita com a intenção de agradar os leitores, ou pode simplesmente narrar temas ocorridos na vida do escritor.

A crônica “É a literatura do jornal. O jornalismo da literatura.” (COSTA, 2008, p.72), pois devido a sua natureza dupla (literária e jornalística), possibilita maior liberdade de criação, e se torna puramente jornalística quando trabalha os acontecimentos reais que são notícias.

A crônica é o único gênero literário produzido essencialmente para ser vinculado na imprensa, seja nas páginas de revista, seja nas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade utilitária e predeterminada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre escritor e aqueles que o leem (sic). (COSTA, 2008, p.71)

Os cronistas dissertam chamando atenção, defendendo ou até mesmo mostrando pontos de vistas diferentes sobre fatos que acontecem na sociedade, aliás, a alcunha de jornalística lhe cai muito bem, pois o nascimento da crônica brasileira foi benéfico para o jornal impresso, já que é um gênero em que as informações destinavam-se para agradar o leitor que espera ansioso. (TUZINO, 2008).

De acordo com Campos (In. TUZINO, 2008, p. 14) a crônica jornalística traz prazer ao leitor, mas muitas vezes não é valorizada na escolha da seção de publicação do jornal.

Conforme Pedro Celso Campos

Alguns defendem a publicação desse gênero apenas na Segunda Seção, nos segundos cadernos, nos cadernos culturais etc. Outros, como Alberto Dines, acham que o texto leve, engraçado, bem humorado deve perpassar todo o jornal. Neste caso é necessário que o repórter

aprenda a desenvolver um estilo próprio pelo qual consiga escrever a notícia ou a reportagem, com todos os dados e sem faltar à ética, mas, ao mesmo tempo, usando uma linguagem fácil, agradável, simples, clara, bem-humorada. (CAMPOS in. TUZINO, 2008, p.14).

Esses textos criados pelos jornalistas, opinativos ou mesmo vivenciados no cotidiano só têm a oferecer e informar ao mesmo tempo, podendo por si só entreter quem o lê.

Na atualidade, o sentido da crônica nos apresenta um gênero literário em prosa, ligado ao jornalismo, mas que não confronta o sentido de reportagem. Ou seja, o fato, o mesmo assunto tratado, para o cronista é apenas um meio de relatar sobre o cotidiano.

Relato da experiência

A implementação do projeto, devido a motivos diversos e alheios a nossa vontade, não aconteceu exatamente como o planejado. Em primeiro lugar porque iniciamos o ano letivo de 2013 (ano da implementação do projeto), com a sala lotada, e ficamos ainda um mês esperando pela organização com o número de alunos exatos para a turma para iniciar o projeto. Em segundo lugar, ressalto que os alunos do período noturno do primeiro ano do ensino médio, onde foi implementado o projeto, trabalhavam durante o dia sendo que a maioria era oriunda da zona rural, dependente de transporte escolar público, o qual em dias de chuva não funciona.

Mas podemos dizer que o trabalho saiu a contento e obtivemos bons resultados, pois os alunos participaram com bastante entusiasmo do projeto em sua totalidade. Assim, considero que o projeto foi de suma importância aos discentes, já que eles apresentavam grande defasagem na leitura, interpretação e produção de texto, e o trabalho veio ao encontro desta necessidade, oferecendo a oportunidade de sanarmos algumas das dificuldades.

A seguir relatamos o trabalho realizado:

Ação 1 – Iniciamos a execução do projeto apresentando aos alunos um pequeno texto com as definições conceituais de gêneros textuais e de crônicas sociais. Como atividade fizemos a apresentação de alguns diferentes gêneros e questionamentos sobre a constituição social dos referidos gêneros. Em seguida,

os alunos escolheram um gênero e produziram um texto buscando produzir, portanto, um gênero correspondente ao escolhido. Como percebemos que não houve entendimento da atividade por todos os alunos, oferecemos uma atividade com recortes de revistas e livros diversos de tipos de gêneros textuais e os alunos colaram estes recortes no caderno classificando o gênero dos recortes. Percebemos que os alunos não eram habituados a fazer pesquisas e a maioria não tinha contato com jornais e revistas.

Em seguida, levamos para sala a revista Veja, onde os alunos leram e recortaram crônicas jornalísticas colando-as no caderno de atividades. E ainda li alguma crônicas que selecionei: “O homem nu” de Fernando Sabino, e “O lixo” de Luís Fernando Veríssimo.

Nessa atividade houve participação de todos os alunos, pois eles gostaram muito das crônicas de Sabino e Veríssimo. Mas percebi que os alunos não entendem quando leem individualmente os textos, e por isto preferem que o professor leia.

Ação 2 – Após as atividades desenvolvidas anteriormente foi feita a apresentação do Baú da leitura. Neste momento, os alunos leram diversas crônicas, apresentando-as oralmente aos colegas. A atividade foi aplicada com sucesso, pois os alunos participaram, inclusive gostaram das crônicas. Porém nestas atividades ficou claro que nossos alunos não têm o hábito de ler, preferem ouvir a leitura feita pelo professor, e quando isso é feito interpretam corretamente o texto lido ou contado.

Ação 3 - Iniciou-se o trabalho de produção de textos, momento em que fomos explicando como produzi-los e aplicando atividades de análise linguística de acordo com as dificuldades apresentadas pelos alunos que produziram seus primeiros textos. Durante estas atividades não houve muita participação, alguns apresentaram muita preocupação por não saber produzir texto, mas mostraram que queriam aprender. A produção de texto é vista por eles como avaliação, fazem, entregam para o professor e não se fala mais nisso. Cabe lembrar que os alunos do noturno são muito faltosos, pois a maioria trabalha durante o dia e são oriundos da zona rural.

Ação 4 – Nesta ação foi feita a leitura e interpretação oral e escrita da crônica jornalística: “Tattoo” de Leandro Carlos Muniz. Lemos o texto várias

vezes, pois os alunos tiveram dificuldades em interpretá-lo, porém houve muita participação, já que o assunto sobre tatuagem faz parte da realidade vivida pelos alunos. O que chamou muito a atenção deles foi o fato do autor ser conhecido por todos, pois é da nossa região. Assim, os alunos se interessaram em saber o que Muniz pensa sobre um tema que é comum aos alunos. Foi feito até uma entrevista com o autor.

Todo o trabalho de interpretação da crônica foi feito em conjunto. Depois os alunos produziram um texto sobre o assunto, mas houve rejeição por parte de alguns deles.

Sobre as crônicas produzidas pelos alunos fiz várias atividades de análise linguística de acordo com as dificuldades apresentadas.

O trabalho com a crônica “Tattoo” foi muito interessante, pois a professora do período da manhã também gostou e desenvolveu um trabalho sobre a mesma com seus alunos, confeccionaram cartazes sobre tatuagem e espalharam pela escola. Este fato motivou muito meus alunos que se interessaram ainda mais pelo assunto.

Ação 5 – Foi apresentada aos alunos a crônica jornalística “19 de maio” de Machado de Assis. Sobre esta crônica foi preciso instigá-los a pensar sobre a escravidão, trazendo o assunto para o nosso dia a dia. Todos tinham opinião formada sobre a escravidão. Tiveram muita dificuldade com a linguagem do texto (houve necessidade do uso do dicionário). Percebi ainda que nossos alunos têm uma boa interpretação oral, mas não tem o hábito da leitura e apresentam muita dificuldade em escrever. Ainda através da escrita notei que alguns não dominam as sílabas complexas, inclusive trocando letras (g/q, ç/s, j/g, etc.).

Feita a leitura e interpretação oral e escrita da crônica, os alunos produziram um texto sobre racismo. Entendi que houve mais aceitação por parte dos alunos quanto a escrever um texto sobre esse tema, e ainda que os alunos se sentem valorizados quando percebem que não são prejudicados pelos erros que cometem, consegui convencê-los que estava ali para ensiná-los e não para puni-los, e que precisavam escrever para adquirir prática e aprender.

Ação 6 – Trabalhamos a poesia “Navio Negroiro” de Castro Alves pois retrata a escravidão além de ser consoante à crônica de Machado de Assis trabalhada anteriormente. Foi feita a leitura e interpretação oral e escrita dos

cantos IV, V e VI da poesia. A aplicação desta atividade foi mais fácil e houve um bom entendimento e boa interpretação por parte dos alunos, já que a poesia falava da escravidão, assunto este estudado anteriormente. Houve necessidade de muita explicação devido a linguagem de épocas diferentes, a geografia retratada na obra e a intertextualidade que o texto apresenta.

Ação 7 - Os alunos começaram a produzir as crônicas jornalísticas e nesta atividade encontramos muita dificuldade: o trabalho de reestruturação foi feito individualmente fora de sala, e levou mais tempo que o esperado, e mesmo assim embora a maioria tenha participado e se esforçado bastante, o trabalho não saiu a contento, devido a falta de prática dos alunos com a escrita, e também em relação às faltas dos mesmos, inclusive alguns não conseguiram realizar a atividade.

Os alunos que produziram crônicas, o fizeram sobre problemas vividos por eles na família e na comunidade (alcoolismo, drogas, violência, brigas, etc.). Fiquei muito comovida e confesso que até chorei com alguns deles, pois percebi que são fatos que os incomodam muito e que alguns viram a oportunidade de contar isso para alguém. Cheguei à conclusão de que a escrita não é algo mecânico, talvez seja por isso que ainda não conseguimos alcançar sucesso quanto ao ensino da produção de textos. Embora tanto eu quanto os alunos tenhamos nos esforçado bastante, as crônicas produzidas ficaram curtas, porém avalio que obtivemos um ótimo resultado, pois no início do trabalho os alunos não conseguiam escrever texto algum.

Ação 8 – Fizemos a montagem do livro com as crônicas produzidas pelos alunos. A montagem do livro com as crônicas produzidas pelos alunos foi a tarefa mais fácil, e os mesmos gostaram muito do resultado.

Segue abaixo duas crônicas produzidas pelos alunos na fase inicial e na fase final:

Crônica 1 – 1.ª versão

racismo e violência

Numa noite de domingo dia 15 de outubro, chegou um Homem Negro numa boate No Bairro da Anta. No qual só frequentava gente de um estilo de vida melhor, por ele ser negro e pobre as pessoas que ali estava começaram a chamar ele de macaco, tisiu

preto e carvam, andarilho, etc...

No mesmo momento o homem foi embora muito nervoso e furioso, saiu de lá com os passos largos levando uma mochila nas costas. Mais ou menos 2 horas depois ele chegou no local que foi discriminado com uma arma na mão, matou dois dos homens que o discriminou e por remorso atirou contra o próprio peito. A partir desse dia o proprietário dessa boate fechou o local e nunca mais abriu para evento algum.

Crônica 1 – 2.^a versão (reestruturada)

Racismo e violência

Numa noite de domingo, exatamente dia 15 de outubro, chegou um homem negro numa boate no bairro da Anta, no qual só frequentava gente de um estilo de vida melhor.

Por ele ser negro e pobre as pessoas que ali estavam começaram a chamá-lo de macaco, tiziu preto, carvão, andarilho, etc...

No mesmo momento o homem foi embora muito nervoso e furioso, saiu de lá, e mais ou menos duas horas depois, ele voltou no local onde foi discriminado, com uma arma na mão. Matou dois dos homens que o tinham discriminado, e por remorso atirou contra o próprio peito.

A partir desse dia o proprietário dessa boate fechou o local e nunca mais abriu para evento algum.

Crônica 2 – 1.^a versão

Injustiça social

Certa vez eu estava passando em frente a um grande mercado e vi o dono maltratando um morador de rua por estar na frente de seu estabelecimento revirando o lixo, o homem com um semblante de rico disse ao velho mendigo:

- Sai pra lá seu cachorro, você não tem direito de revirar o lixo, pois você não é ninguém.

O morador de rua, muito decepcionado, nada disse e o dono do comércio voltou a reclamar dizendo:

- Se você não sair daqui jogarei um balde de água em você.

Fiquei indignado pensando que no mundo ainda existe milhares e milhares de casos assim que acabam em nada. Por isso se você presenciar casos assim, denuncie, pois isso é crime.

Hoje, o homem em certas condições acaba virando um bicho, pois às vezes não possui oportunidades para seguir sua vida e também não tem apoio familiar para conseguir superar suas magoas, frustrações e decepções.

Por isso vamos dar oportunidades a esses indivíduos, pois eles merecem viver com dignidade, então não discriminem e sim apoiem.

Essa história que acabei de contar realmente a presenciei, e até hoje me lembro do velho mendigo tentando matar sua fome e sendo maltratado.

Crônica 2 – 2ª versão (reestruturada)

Injustiça social

Certa vez eu estava passando em frente a um grande mercado e vi o dono maltratando um morador de rua por estar na frente de seu estabelecimento revirando o lixo, o homem com um semblante de rico disse ao velho mendigo:

-Sai pra lá seu cachorro, você não tem direito de revirar o lixo, pois você não é ninguém.

O morador de rua muito decepcionado nada disse e o dono do comércio voltou a reclamar dizendo:

-Se você não sair daqui jogarei um balde de água em você.

Fiquei indignado pensando que no mundo ainda existe milhares e milhares de casos assim que acabam em nada. Por isso se você presenciar casos assim denuncie, pois isso é crime.

Hoje, o homem em certas condições acaba virando um bicho, pois às vezes não possui oportunidades para seguir sua vida e também não tem apoio familiar para conseguir superar suas mágoas, frustrações e decepções.

Por isso vamos dar oportunidades a esses indivíduos, pois eles merecem viver com dignidade, então não discriminem e sim apoiem.

Essa história que acabei de contar realmente a presenciei, e até hoje me lembro do velho mendigo tentando matar sua fome e sendo maltratado.

Conclusão

A partir dos resultados obtidos podemos dizer que os objetivos foram parcialmente alcançados, pois nem todos os alunos conseguiram realizar a contento a produção final, ou seja, produzir uma crônica jornalística, embora tenha acontecido uma melhoria significativa na leitura e interpretação, e mesmo na produção final em relação a produção inicial. Podemos observar que a maioria dos textos produzidos tratam-se de problemas vividos por eles no dia, demonstrando assim suas angústias e preocupações em relação ao que acontece na família e na sociedade em geral. Ficou evidente que durante a aplicação das atividades houve também conscientização por parte dos alunos.

Ficou claro que trabalhar gêneros textuais para posteriormente produzir textos dentro da concepção da sequência didática é muito importante e válido para o bom andamento do trabalho do professor, bem como o desenvolvimento dos alunos. Seguindo esta linha de trabalho podemos afirmar que há um melhor aproveitamento em nossas práticas didáticas em sala de aula, já que o aluno trabalha com situações reais onde as produções deixam de ser mecânicas pois passam a fazer parte da realidade vivida por eles.

Apesar de me deparar com momentos difíceis, sinto-me gratificada pois tive a oportunidade de participar do PDE, onde aprendi muito e vivi experiências únicas e enriquecedoras, e espero contribuir de alguma forma para o enriquecimento dos colegas.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, H. H. N. **Analisando o Discurso**. (USP). Artigo disponível em: <www.estacaodaluz.org.br> 2005. Museu de Língua Portuguesa. Acesso em: 06-09-2007. In. PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Educação Básica Língua Portuguesa, 2008, p. 63.

CAMPOS, Pedro Celso. Jornalismo Recreativo. Disponível em <webmail.facc.unesp.br> Acessado em 24 de maio de 2012. In. TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura**. 2008, p.14. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-intersecao.pdf> Acessado em 20 de maio de 2012.

COSTA, Sergio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Minas Gerais, 2008.

DOLZ, Joaquim. NOVERRAZ, Michèle e SCHNEUWLY, Bernard. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In. SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim e Colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Mercado de Letras. Campinas - São Paulo, 2004.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In. DIONÍSIO, Ângela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.) **Gêneros Textuais & Ensino**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

STRIQUER. Marilúcia dos Santos Domingos. Os gêneros do discurso bakhtiniano na dialética teoria e prática. **Anais...XII Congresso de Educação do Norte Pioneiro**, 2012. CLCA-CCHE-UENP/CJ, Jacarezinho, 2012, no prelo.

TUZINO Yolanda Maria Muniz. **Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura**. 2008. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-intersecao.pdf> Acessado em 20 de maio de 2012.